

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA DOCENTE: OS DESAFIOS DA
INSERÇÃO DO TEMA EM ESCOLAS DE ALEGRETE - RS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Gabriella Eldereti Machado

Santa Maria, RS, Brasil

2016

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA DOCENTE: OS DESAFIOS DA
INSERÇÃO DO TEMA EM ESCOLAS DE ALEGRETE - RS**

por

Gabriella Eldereti Machado

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de grau de Especialista em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Edelvar Corrêa Peres

Santa Maria, RS, Brasil

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de Especialização

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA DOCENTE: IMPORTÂNCIA E
DESAFIOS DA INSERÇÃO DO TEMA EM ESCOLAS DE ALEGRETE - RS**

Elaborada por:

Gabriella Eldereti Machado

Como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental**

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Edelvar Corrêa Peres (UFSM)

(Orientador)



Janaína Balk Brandão, Dra. (UFSM)



Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Dra. (UFSM)

Santa Maria, junho de 2016

Dedico à minha Mãe, Pai e Irmão Humano e Irmão Canino. Sem o apoio de vocês os meus sonhos seriam limitados. Agradeço por todo o carinho e confiança em acreditarem no quanto é importante à construção do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente aos meus pais, *Nair e Enio*, e ao meu irmão *Gabriel*, pois sei o quanto vocês se esforçam e batalham para apoiar a concretização dos meus objetivos pessoais. Amo vocês!

- Não podia deixar de agradecer as “lambidas” carregadas de carinho e alegria, que me incentivavam mesmo sem saber o que seja uma pesquisa, obrigado cachorrinho *Neymar*, realmente te amo!

- Agradeço minha família como um todo, obrigada!

- Agradeço as amigas “das antigas” e que não se perdem com as mudanças da vida. Agradeço as novas amigas que fiz em Santa Maria, sabemos que de alguma forma nossa segunda família são os amigos, grata por tudo!

- Agradeço ter encontrado o Grupo de Agroecologia Terra Sul (GATS) e com ele um combo de pessoas diferentes dispostas às modificações, enfim, grata por me ajudarem a compor o meu *ser*, realmente as coisas começaram a fazer sentido com a Agroecologia.

- Agradeço a algumas professoras que passaram pela minha formação, não posso nomeá-las aqui, pois são muitas, mas seus ensinamentos persistem e (re)significam a minha formação a cada conquista que realizo, obrigada!

- Agradeço ao Projeto Escola Responsável, principalmente a professora *Janaína*, por dispor a abertura desse espaço de aprendizagem, complementando com meu processo formativo. Obrigada!

- Agradeço ao Grupo EL@S, e aos ensinamentos da professora *Márcia*, somando-se as aprendizagens da Especialização, sendo base para os diálogos pertinentes sobre Feminismo na sociedade atual.

- Agradeço ao meu orientador, professor *Paulo*, por toda a liberdade e apoio ao processo de construção do conhecimento, fazendo com que os resultados deste trabalho sejam frutos do empenho acadêmico concretizados de uma forma sincera e crítica em relação à pesquisa realizada. Obrigada pela disponibilidade de sempre, e apoio diante dos desafios.

- Agradeço as duas escolas participantes da pesquisa, EMEB *Lions Clube* e Escola Estadual *Salgado Filho*, que de forma singela e acolhedora aceitaram contribuir, oferecendo

um espaço aberto a pesquisa, no qual pude compartilhar vivências, aprender, e valorizar as ações que as docentes realizam nas escolas.

- Agradeço ao curso de Especialização em Educação Ambiental (UFESM), onde pude conhecer outro mundo, a novos conhecimentos teóricos que contribuem com minha prática docente e de vida.

- Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, por oportunizar que esta etapa de minha formação fosse realizada, ofertando uma estrutura física, didática e de socialização, em um espaço de múltiplas culturas.

Éramos rocha sólida.

Voávamos por qualquer lugar.

Felizes, juntos e difíceis de se separar.

Perdemos a rota e acertamos a terra.

*Essa massa gigante fez pó do que era pedra e
hoje somos assim, farelo.*

(O Todo - Vibre Suerte)

RESUMO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA DOCENTE: OS DESAFIOS DA INSERÇÃO DO TEMA EM ESCOLAS DE ALEGRETE – RS

AUTORA: Gabriella Eldereti Machado
ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Edelvar Corrêa Peres
Data e local de Defesa: Santa Maria, RS, junho de 2016

A Educação Ambiental demonstra sua importância ao ser parte do processo formador dos sujeitos, abrangendo diversos temas e problemáticas, assumindo-se como parte do processo social gerador de mudanças de comportamento por meio da complexidade das relações dos indivíduos com o meio. Podendo ocupar espaços diversos nos processos em que o indivíduo e coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, ao uso comum do povo, e a qualidade de vida e sustentabilidade. Desta forma, ao pensar na escola como um espaço de trocas de saberes e convívio social, associando a diversos tempos de aprendizagem, e a contribuição da EA para a criação do saber ambiental, gerando conteúdos concretos e novas temáticas a serem abordadas. Fazendo parte neste sentido do trabalho docente com a função de fluir a multiplicidade de conhecimentos teóricos e práticos, procurando articular subjetividades e saberes através da educação. Adotando uma metodologia qualitativa para análise dos dados obtidos por meio de entrevistas não estruturadas realizadas com as professoras. Assim, relatam-se os resultados obtidos no processo investigativo das perspectivas de professoras de duas Escolas da cidade de Alegrete/RS, sobre os desafios presentes na inserção da Educação Ambiental em sua prática educativa, além de um panorama teórico sobre a EA e a profissão docente. Através da intervenção no âmbito escolar, destacando a relevância da presença da EA na formação de professores como sendo uma necessidade permanente para a (re)significação dos conhecimentos, visto a sua aplicação nas aulas e cotidiano da escola.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Prática Docente; Tema Transversal.

ABSTRACT

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND TEACHING PRACTICE: THE INTEGRATION CHALLENGES THEME IN ALEGRETE SCHOOLS – RS

AUTHOR: Gabriella Eldereti Machado

ADVISOR: Prof. Dr. Paulo Edelvar Corrêa Peres

Date and place of Defense: Santa Maria, RS, Brasil, June 2016

Environmental education demonstrates its importance to be part of the process forming the subject, covering various topics and issues, assuming as part of the social process of behavior change generator through the complexity of the relationship of individuals with the environment. May occupy different spaces in cases where the individual and the collectivity build social values, knowledge, skills, attitudes and skills for the conservation of the environment, the common use, and the quality of life and sustainability. In this way, the thought of the school as a space of exchange of knowledge and social life, associating different times of learning, and EA's contribution to the creation of environmental knowledge, generating concrete content and new topics to be addressed. Part in this sense the teaching work with the function of flow the multiplicity of theoretical and practical knowledge, trying to articulate subjectivities and knowledge through education. Adopting a qualitative methodology for analysis of data obtained through unstructured interviews with teachers. Thus, we report the results obtained in the investigation process of the perspectives of teachers from two schools in the city of Alegrete/RS, about the challenges present in the inclusion of environmental education in their educational practice, as well as a theoretical overview of the EA and the profession teacher. Through the intervention in schools, highlighting the relevance of EA's presence in teacher education as a continuing need for (re) signification of knowledge, as their application in the classroom and school routine.

Keywords: Environmental education; Teaching practice; Cross theme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do município de Alegrete/RS	34
Figura 2 - Mapa dos bairros da cidade de Alegrete/RS	35
Figura 3 - Localização da Escola A (EMEB Lions Clube) e Escola B (Escola Estadual de Ensino Fundamental Salgado Filho)	35
Figura 4 - Ações de paisagismo realizadas na Escola A.	40
Figura 5 - Prática de Paisagismo realizado na Escola A.	41
Figura 6 - Revitalização de canteiros e espaço físico da Escola B.	42
Figura 7 - Revitalização de canteiros e espaço físico da Escola B.	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	16
2.1.TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	16
2.2.O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE E A RACIONALIDADE AMBIENTAL: DISCUSSÕES PERTINENTES PARA A CONSTRUÇÃO DO SABER AMBIENTAL	18
2.3.A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENFOQUE NA ESCOLA	20
2.4.FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A COMPREENSÃO DO PERTINENTE CAMINHO DA COMPLEXIDADE AMBIENTAL	24
2.5. CURRÍCULO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFSM E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	27
3. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	32
3.1.CAMINHO INVESTIGATIVO: TIPO DE PESQUISA E A COLETA DE DADOS	32
3.2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DO ESTUDO.....	33
4. REFLEXÕES OBTIDAS	36
4.1.ENTREVISTAS NA ESCOLA A.....	36
4.1.1 Professora 1.....	36
4.1.2 Professora 2.....	38
4.1.3 Professora 3.....	39
4.2.ENTREVISTAS NA ESCOLA B.....	41
4.3. PANORAMA DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CIDADE DE ALEGRETE/RS.....	43
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS.....	51
ANEXO A – COMPROVANTE DE REGISTRO NO GABINETE DE PROJETOS	51
ANEXO B - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	53
ANEXO C - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS DOCENTES	62

1. INTRODUÇÃO

As temáticas que envolvem os estudos sobre Educação Ambiental (EA) são diversificadas e abrangentes em relação aos contextos envolvidos, sendo importante ressaltar os deslocamentos dos espaços educativos, ou seja, a EA pode ser debatida e problematizada em diversos espaços na escola, ampliando e popularizando - a. Atendendo ao que diz a Lei 9.795 (27 de abril de 1999, Capítulo I. Art. I), onde menciona que a EA é contextualizada através de processos em que o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, ao uso comum do povo, e a qualidade de vida e sustentabilidade.

Com isso podemos pensar na EA como transformação social, que vai além das compreensões e cuidados com o meio ambiente e a biodiversidade, e realiza um processo de construção de valores sociais. Onde suas reflexões ocorrem por meio da participação dos sujeitos em ações coletivas concretizadas em diversos setores da sociedade, como ressalta Carlos Frederico B. Loureiro (2005, p.69):

A educação ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.

A EA é caracterizada como um Tema Transversal¹, para desfragmentar a imagem pré-concebida de que seus enfoques se restringem somente ao meio ambiente e biodiversidade, mas pode dinamizar uma gama de conhecimentos e outros temas de forma interdisciplinar tanto na educação formal quanto na não formal, como: a saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente, ressaltando menciona Naná Mininni Medina (1996, p.20):

A educação ambiental, como tema transversal, possibilita a opção por diferentes situações desejadas, balizadas por valores como responsabilidade, cooperação, solidariedade e respeito à vida, integrando os conteúdos disciplinares e os temas transversais.

No diálogo com a diversidade de olhares que as respostas fluem para modificação do modelo se impôs, pois o modelo de educação que temos possui fortes influências e reflexos da

¹ Surgem a partir da proposta de uma educação que trouxesse o compromisso com a construção da cidadania e necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental. Dispõem-se alguns Temas Transversais, como: as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual (BRASIL, 1997).

educação bancária, nome dado por Paulo Freire em 1982, quando discute em seu livro *Pedagogia do Oprimido* sobre os tipos de práticas de ensino, destacando o enfoque pedagógico dominante (educação bancária) e a educação como prática de liberdade (URBAN et. al., 2009). A educação bancária é aquela no qual o professor é o centro do saber, com um saber autoritário que é transmitido ao aluno através de um depósito de conteúdos, sem haver uma reflexão sobre o cotidiano e o processo de ensino e aprendizagem (URBAN et. al., 2009), ao questionar este modelo de educação bancária, Paulo Freire (1987) se contrapõe ao mesmo e propõe outro sentido a educação, uma educação libertadora, como menciona a seguir (FREIRE, 1987, p.39):

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outros, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível.

Onde os espaços preenchidos pela EA contribuem para o incentivo à autonomia, participação e responsabilidade de todos no meio escolar, propondo-se a pensar em mudanças através de uma perspectiva planetária (SORRENTINO, 2005), sendo caracterizada por Marcos Sorrentino no trecho a seguir (2005, p. 16):

Em uma perspectiva planetária, não basta contemplar o olhar do homem branco ocidental. É necessário incluir as mulheres, os negros, os jovens, os idosos, as crianças, os homossexuais, os países do sul, o interior, a periferia, os artistas, os pacifistas e outras minorias étnicas, ouvindo-os em suas especificidades e aprendendo a expressar seus sonhos, demandas e propostas.

Contudo, acho significativo contextualizar sobre minhas aproximações e vivências com a formação de professores (as). Logo, a construção de minha professoralidade, conceito de Marcos Villela Pereira (2013, p.35), no qual reflete que “vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo”. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um modelo ou padrão. Devido a isto, a professoralidade é uma diferença que o sujeito produz em sua formação.

A composição como professora de Química no Instituto Federal Farroupilha Campus Alegrete, deu – se em contato com diversos contextos formativos, mediada por aprendizados durante a atuação como bolsista durante a graduação em um Projeto de Extensão, que

promovia a formação continuada de docentes da rede pública de ensino na cidade de Manoel Viana/RS através do I e II Ciclo Itinerante de Estudos: (Re)significando saberes e fazeres docentes. Neste momento pude ter o primeiro contato com a profissão docente na prática, fato que deu um sentido de partida para a professoralidade que citei acima. Assim, a formação vai tomando corpo, no diálogo com a profissão e com a leitura sobre a docência, através da posse do material existencial e da construção de referenciais de formação (OLIVEIRA, 2000).

Posteriormente este contato com a escola e a formação de docente aperfeiçoa-se devido ao ingresso na Especialização em Educação Ambiental na UFSM, no qual busquei manter – me próxima à formação de professores através de tarefas como bolsista de Projeto de Extensão “Escola Responsável”, sendo motivador ao foco de temática de Monografia, podendo contar com professoras de duas escolas de Alegrete/RS para investigar sobre alguns aspectos relevantes a inserção da Educação Ambiental em sua prática docente.

Visto a importância de considerar diversos espaços para aprendizagem e diálogos sobre a EA, é necessário buscar novas aproximações permitindo a análise dos processos sociais vinculados à problemática ambiental (LEFF, 2006). Neste sentido, surge a seguinte problemática que impulsiona a pesquisa: Que desafios são enfrentados por docentes de duas escolas do município de Alegrete/RS ao inserirem a EA em sua prática educativa? Quais são os enfoques utilizados para a contextualização da EA?

Para percorrer este caminho investigativo, delimitam-se os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Caracterizar o contexto educacional no qual a educação ambiental é inserida nas aulas de docentes de duas Escolas na cidade de Alegrete/RS.

Objetivos específicos:

- I) Identificar os principais desafios para a inserção da EA na prática educativa;
- II) Investigar os principais enfoques utilizados para contextualização da EA nas práticas docentes das participantes;
- III) Pesquisar se a EA é abordada/contemplada nos Projetos Pedagógicos de Cursos de formação de professores da UFSM Campus de Santa Maria;

A presente pesquisa foi delineada da seguinte forma estrutural: Contextualização sobre a EA, abrangendo seu contexto histórico através de uma linha do tempo contendo fatos significativos; posteriormente procede-se com a discussão sobre o conceito de sustentabilidade e racionalidade ambiental, pensando-nos como uma base para a compreensão da problemática ambiental e construção do saber ambiental; após tem-se discussões em

relação às relações que permeiam a EA com a escola e a formação de professores; formação de professores a EA refletindo sobre a complexidade ambiental; currículo dos cursos de licenciatura da UFSM e a abrangência de disciplinas no enfoque da EA. Posteriormente a descrição da metodologia utilizada e a organização da pesquisa, contemplando a apresentação e análise dos resultados obtidos. Encerrando com as considerações finais em relação à pesquisa realizada.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

2.1. TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pode-se dizer que o marco inicial da EA em um âmbito mundial, ocorre na década de 1960, com a publicação do livro intitulado “Primavera Silenciosa” de Rachel Carlson (1969)², no qual a autora alerta sobre agrotóxicos e outros produtos químicos e seus efeitos na biodiversidade, solo, água, e no próprio ser humano. Esta publicação causou uma grande repercussão nos Estados Unidos, tanto que após seu lançamento começam os debates em relação à criação de leis que regulamentariam o uso desses produtos. Já a expressão *Environmental Education*, ou Educação Ambiental, surge durante a Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Grã-Bretanha nesta mesma época (MEDINA, 1997).

Em 1972, as discussões sobre EA no contexto mundial tiveram seu marco inicial mais significativo, através da Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano ou mais conhecida como Conferência de Estocolmo. Este evento procurou alertar sobre os problemas envolvendo o meio ambiente, reconhecendo a importância da EA como uma forma de propor soluções a crise existente. Como resultado, tem-se o plano de ação do evento, que dispunha da recomendação aos Países de fornecer capacitação aos professores e desenvolvimento de métodos para a EA, (PEDRINI, 1997).

Já a Conferência de Belgrado, em 1975, abrangeu 65 Países, dando origem a Carta de Belgrado que propunha uma nova ética planetária para debater e combater alguns problemas mundiais como: pobreza, analfabetismo, fome, poluição, exploração humana (MEDINA, 1997). Sugeriu também a criação de um programa internacional de EA, através da UNESCO³. Tornando-se uma base de dados sobre experiências de EA pelo mundo todo, com o propósito de serem adaptativas a outros contextos mundiais (PEDRINI, 1997). Mais tarde, em 1977, ocorre a Conferência de Tbilisi, que foi a segunda reunião internacional promovida pela UNESCO, e deu origem a um documento contendo características, princípios e recomendações sobre a EA. Ressaltando a importância de incluir políticas educacionais e abordagens pedagógicas sobre o tema, (PEDRINI, 1997).

Nesse contexto dos anos de 1960 e 1970 o Brasil após participar dos eventos mundiais começa a organizar programas e ações de EA em âmbito nacional, como: a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), elaborando documentos sobre a EA definindo seu papel

² CARSON, R. Primavera silenciosa. - São Paulo. Editora: Melhoramentos, 1969.

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

no contexto nacional. Neste período são criados diversos cursos voltados às questões ambientais em universidades brasileiras (MEDINA, 1997).

Em 1987, a Conferência de Moscou reuniu 300 educadores ambientais de vários Países, visando avaliar o desenvolvimento da EA até aquele momento. Foi uma conferência que priorizou a promoção da conscientização e transmissão de informações, reorientando o processo educacional, (PEDRINI, 1997). Já no âmbito nacional, em 1984 o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) estabelecendo diretrizes para a EA por meio de uma resolução, logo em 1986 a SEMA e a Universidade de Brasília criam o primeiro Curso de Especialização em Educação Ambiental, ocorrendo nesta mesma época alguns eventos na área como o I Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente e Seminário Internacional de Desenvolvimento Sustentado e Conservação de Regiões Estuarinas em São Paulo; posteriormente em 1989 é criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), (MEDINA, 1997).

A década de 1990 é marcada por um evento muito importante mundialmente que foi a Conferência intitulada Rio-92. Surge da constatação sobre o pouco alcance das outras conferências realizadas anteriormente, impulsionados pela demanda de preparo da sociedade para os problemas socioambientais do novo milênio. Durante a Rio-92 foi realizado em conjunto a Conferência de Cúpula da Terra, reunindo 103 chefes de Estado representantes de 182 Países, neste evento foi aprovado cinco acordos oficiais, que são: a) Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; b) Agenda 21 e os meios para sua implementação; c) Declaração de Florestas; d) Convenção – Quatro sobre mudanças climáticas; e) Convenção sobre Diversidade Biológica, (PEDRINI, 1997).

Compreende-se desta forma a contribuição dos movimentos mundiais de debates sobre EA que trouxeram reflexos no Brasil com a formulação de novos Parâmetros Curriculares do Ministério da Educação (MEC) incluindo a EA como tema transversal no currículo escolar. Além de cursos de capacitação em EA para os técnicos das secretarias de educação dos Estados possibilitando a orientação sobre a implantação dos Parâmetros Curriculares (MEDINA, 1997). A Política Nacional do Meio Ambiente surge a partir da Lei nº. 6.938 de 31 de agosto de 1981, e possui como objetivo assegurar condições para o desenvolvimento socioeconômico priorizando a preservação da qualidade do meio ambiente e o equilíbrio ecológico. Estabelecendo com isto critérios, normas e padrões para preservar a qualidade ambiental e o uso e manejo de recursos ambientais, e também incentiva a realização de

pesquisas e desenvolvimento de tecnologias nacionais voltadas ao uso racional de recursos ambientais (BRASIL, 1981).

2.2. O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE E A RACIONALIDADE AMBIENTAL: DISCUSSÕES PERTINENTES PARA A CONSTRUÇÃO DO SABER AMBIENTAL

O conceito de sustentabilidade surge no questionamento sobre o reconhecimento da natureza e de sua função de suporte às diversas ligações socioambientais que faz parte. Através destas considerações, Enrique Leff (2001, p.15) reflete que “a crise ambiental veio questionar a racionalidade e os paradigmas teóricos que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico, negando a natureza”, ou seja, é interessante pensar nas relações existentes através desse conceito de sustentabilidade que vão além de somente encarar a crise ambiental através da dimensão da biodiversidade.

O conceito de sustentabilidade surge do termo *sustainability*, e está atrelada a duas formas de entender sobre seu significado, a primeira forma refere-se ao termo *sustainable* de origem castelhana e diz respeito à internalização das condições ecológicas de suporte do processo econômico (LEFF, 2001). Já o outro significado menciona que a sustentabilidade é uma condição para o processo econômico ocorrer (LEFF, 2001). Ou seja, a compreensão sobre o sentido do conceito de sustentabilidade está diretamente ligada ao entendimento sobre o processo econômico e a proposta neoliberal correspondente, podendo-se destacar a seguinte reflexão de Leff (2001, p.22):

O discurso dominante da sustentabilidade promove um crescimento econômico sustentável, eludindo as condições ecológicas e termodinâmicas que estabelecem limites e condições à apropriação e transformação capitalista da natureza.

Neste sentido, podemos perceber o intuito de incorporação da natureza como uma forma de capital, reduzindo seus potenciais a uma valorização de mercado, afastando-se do seu real papel ecológico e simbólico. Assim transformam-se as condições ideológicas existentes em uma razão econômica originada da redução e capitalização da natureza (LEFF, 2001). Este debate deve possibilitar esse olhar sobre o conceito atribuído e sobre seus significados, como destaca Leff (2006, p. 112-113), propondo uma perspectiva construtivista “para fundamentar, analisar e promover processos de transição que permitem viabilizar uma nova racionalidade social”, e desta forma incorporar aspectos ecológicos e sociais para compreensão da perspectiva de sustentabilidade.

Portando dispõem-se algumas reflexões que se complementam em suas relações conceituais permeando a EA, onde se destaca a racionalidade ambiental, que segundo Leff (2001) pode ser entendida como um efeito de um conjunto de interesses e práticas sociais que articulam diversas ordens e processos sociais. A racionalidade ambiental nasce das contradições refletidas pela lógica do capital e os processos ecológicos dos sistemas vivos, opondo-se em suas perspectivas. Sendo possível a realização deste processo através da desconstrução da racionalidade capitalista, confrontando interesses opostos mobilizados por um conjunto de processos sociais a fim de formar uma consciência ecológica guiada pela reorganização interdisciplinar do saber (LEFF, 2001).

Evidenciando que para ocorrer à construção da racionalidade ambiental é necessário possuir uma concreta inter-relação entre teoria e prática. Leff (2001, p.137) ressalta a articulação de quatro esferas principais para ocorrer à racionalidade, sendo dispostas abaixo:

- a) Racionalidade Substantiva: compreende um sistema axiológico, que define valores e objetivos para orientar as ações sociais que resultam na construção da racionalidade ambiental;
- b) Racionalidade Teórica: sistematizando os valores da racionalidade substantiva através da articulação com os processos ecológicos, culturais, tecnológicos, políticos e econômicos;
- c) Racionalidade Instrumental: sua função é criar vínculos técnicos, funcionais e operacionais entre os objetivos sociais e as bases materiais do desenvolvimento sustentável;
- d) Racionalidade Cultural: compreende um sistema de significações que produz a identidade e integridade de cada cultura, resultando na coerência de suas práticas sociais e produtivas;

Assim, a racionalidade ambiental é uma expressão do conflito entre os processos econômicos de mercado, e a lógica ecológica. Vale ressaltar que segundo Leff (2001, p.145) “a construção de uma racionalidade ambiental implica a formação de um novo saber e a integração interdisciplinar do conhecimento”, para dar conta de explicar esses sistemas socioambientais que possuem certa complexidade, assim destaca-se o saber ambiental. Que nesse contexto é uma alternativa para problematizar o conhecimento fragmentado, pois emerge de valores éticos resultado de conhecimentos práticos e saberes tradicionais (LEFF, 2001), propondo construir a articulação das relações entre sociedade e natureza.

Chega-se então no processo resultante do caminho trilhado através das discussões sobre o conceito da sustentabilidade e racionalidade ambiental, para este entendimento mais problematizado, que é o saber ambiental. Este saber emerge da problematização e transformação de paradigmas do conhecimento em um processo transdisciplinar (LEFF, 2001). Priorizando um *logos unificador*⁴, que questiona a fragmentação do conhecimento, pois não é capaz de explicar a complexidade da problemática ambiental devido aos seus múltiplos processos, com isto agrega-se o saber ambiental, que possibilita este entendimento a frente dos paradigmas.

O saber ambiental é constituído de diversos processos, sendo eles: políticos, culturais e sociais. Adquirindo um sentido crítico, que leva a um diálogo de saberes, ressaltando Leff (2001, p.155) onde menciona que “o saber ambiental é o ponto de não conhecimento que impulsiona a produção do saber, sabendo que este é um processo insaciável e interminável de produção de conhecimento”. Nesse sentido vincula-se aos processos educacionais que a EA se insere, pois seu desenvolvimento e concretização dependem da compreensão deste processo complexo, prevendo um questionamento das relações de ensino e aprendizagem, da docência e difusão do saber, exigindo novas atitudes e relações para que o saber ambiental não se perca (LEFF, 2001).

Para Foucault (2002), entende-se por saber o domínio constituído de diferentes objetos, adquirindo ou não o status científico, assim o saber se define por possibilidades, tanto de utilização quanto de apropriação que são oferecidas pelo discurso. Então podemos dizer que o saber é o substrato de sustentação formado em uma prática discursiva, ressaltando o trecho a seguir, no qual Foucault (2002, p. 207) menciona que: "não há saber sem uma prática discursiva definida e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma". Quando se inclui esses conceitos na dinâmica do pensar sobre a EA, deve-se ao fato de que ao analisar a natureza das relações de poder e dominação nos reflete explicações referentes a diversas problemáticas vivenciadas no contexto das questões ambientais.

2.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENFOQUE NA ESCOLA

Quando pensamos na escola como um espaço de trocas de saberes e convívio social, associamos diversos tempos de aprendizagem, neste contexto a EA é uma forma de criação do saber ambiental, gerando conteúdos concretos e novas temáticas a serem abordadas. Fazendo

⁴ Engloba fenômenos naturais e sociais que se articulam com processos materiais (LEFF, 2001).

fluir uma multiplicidade de conhecimentos teóricos e práticos, como destaca Leff (2001, p.250) “a educação ambiental tenta articular subjetivamente o educando a produção de conhecimentos e vinculá-lo aos sentidos do saber”.

Assim, para o contexto escolar, dispõem – se dos chamados Temas Transversais, que são temas que perpassam todas as disciplinas devido a suas questões envolverem problemáticas comuns e vivenciadas pelos alunos, como a ética, a cultura, meio ambiente, saúde e sexualidade, trabalho e consumo. Devido a isto, os Temas Transversais são dispostos por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são instrumentos para organização curricular das diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 1997). Prevendo a constante construção e modificação do currículo que influencia a prática docente e a escola.

Deste modo, relaciona-se a seguir os objetivos que trazem o PCN (BRASIL, 1997) para o Ensino Fundamental:

Quadro 1 – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental

1.	Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.
2.	Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.
3.	Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País.
4.	Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.
5.	Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente.
6.	Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.
7.	Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva.

8.	Utilizar as diferentes linguagens - verbais, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.
9.	Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.
10.	Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Fonte: BRASIL, 1997.

Ressaltando a presença de temáticas e preocupações relacionadas à ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, a fim de serem incluídas nas aulas pelos docentes das diversas áreas do conhecimento. Entendendo que a EA deve ser inserida na função transformadora, propondo o diálogo entre a forma e conteúdo, ou seja, insere-se como práxis⁵. Podendo-se explicar por meio das reflexões de Loureiro (2004, p.29), ao citar que “a educação ambiental promove a conscientização e esta se dá na relação entre o “eu” e o “outro”, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente”.

Não só o Ensino Fundamental é contemplado com diretrizes educacionais, pois em 2002 entra em ação a proposta do Novo Ensino Médio através dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), regulamentando a mudança curricular no intuito do sentido formativo do Ensino Médio, modificando sua função preparatória para vestibular para a função de complementar o ensino obtido na educação básica, adotando um significado de qualificação para a atuação cidadã do indivíduo, capacitando para um aprendizado permanente, onde a sequência dos estudos será um resultante desse processo, e não o foco principal (BRASIL, 2002). Possui um ensino voltado para a formação ampla e menos disciplinar/fragmentada, destacando-se os seguintes objetivos: Saber se informar, comunicar-se, argumentar, compreender e agir; Enfrentar problemas de diferentes naturezas; Participar socialmente, de forma prática e solidária; Ser capaz de elaborar críticas ou propostas; compondo uma educação que articula saberes e vivências (BRASIL, 2002).

As disciplinas que compõem o PCNEM (BRASIL, 2002) são organizadas em áreas afins, e os elementos curriculares em comum de cada área são interligados de forma interdisciplinar na realização do chamado Seminário Integrado, no qual se propõe desvincular-se do modo disciplinar, como o nome já resume, é uma forma de integrar disciplinas em um trabalho em conjunto. Este modelo assim organizado é motivado devido ao

⁵ Utiliza-se a definição de Freire (1987) para o termo, no qual práxis é a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ser disposto por áreas do conhecimento e não disciplinas.

No Rio Grande do Sul o processo de reestruturação curricular do Ensino Médio tem início em 2011, reflexo de um histórico de fracasso escolar da educação formal. O ensino médio é uma etapa obrigatória da Educação Básica, tendo como público alvo jovens entre 15 e 17 anos, tornando ainda mais complexa a discussão sobre as questões de estruturação do mesmo, visto que as demandas dos jovens é diferente de alunos de outros níveis da educação básica. Neste processo a maior discussão é sobre a identidade do ensino médio no contexto em que se encontrava, e em uma perspectiva de melhoria com a Politécnica, onde questões como funcionalidade, organização curricular, qualidade de formação docente e financiamento foram colocados em pauta, justamente devido aos altos índices de alunos que desistiam de estudar (AZEVEDO & REIS, 2013).

Através da Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, propôs uma reestruturação curricular, no qual Azevedo & Reis (2013, p. 35) explicam as mudanças ocorridas:

As bases teóricas e de realização do Ensino Médio Politécnico (EMP) se pautam principalmente na articulação interdisciplinar do trabalho pedagógico entre as grandes áreas do conhecimento (ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias); na relação teoria e prática, parte e todo, na pesquisa como princípio pedagógico; na avaliação emancipatória; no reconhecimento dos saberes; no trabalho como princípio educativo; na politécnica como conceito estruturante do pensar e fazer, relacionando os estudos escolares com o mundo do trabalho; e no planejamento coletivo.

Dessa forma, o Ensino Médio Politécnico pode ser um espaço para articulação das áreas do conhecimento e também das discussões sobre as questões ambientais por meio da EA, pois objetiva a desfragmentação do ensino, podendo assim realizar esta inserção da EA de forma interdisciplinar. A proposta de mudança no currículo do ensino médio se dá no pensamento de uma educação que impulse transformações, como ressalta Freire (2001, p.36) “a prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá transformação social”.

Na prática, estas reflexões resultam na construção de uma escola democrática no ponto de vista libertador da educação, incentivando a criatividade e conduzindo os educandos aos aprendizados significativos, podendo-se destacar Freire (2001, p. 202) neste contexto, onde diz que:

A construção da escola democrática não depende, igualmente, da vontade de alguns educadores e educadoras, de alguns alunos, de certos pais e mães. Esta construção é um sonho por que devemos lutar todas e todos os que apontamos na seriedade, na liberdade, na criatividade, na alegria dentro e fora da escola.

Assim a EA torna-se parte desse espaço de relações em que se estrutura a escola, em uma perspectiva baseada na liberdade, diálogo e responsabilidade, podendo-se citar a seguinte reflexão de Imbernón (2000, p.92) “a educação deve estimular essa dignidade humana baseada na solidariedade coletiva, na consciência social e ecológica”. Ressaltando que esta reestruturação curricular implementada pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC) demonstra-se como aliada da escola na medida em que as problemáticas que fazem parte da comunidade escolar passam a integrar o Projeto Político Pedagógico da escola.

2.4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A COMPREENSÃO DO PERTINENTE CAMINHO DA *COMPLEXIDADE* AMBIENTAL

As reflexões sobre a EA e o processo educativo tornam-se relevantes atualmente na medida em que se discute a proposta de uma educação voltada para a mediação do conhecimento, e não para o depósito de conteúdos, ou seja, a prática educativa a partir das vivências cotidianas, abrangendo assim relações entre a educação e os outros âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais (RAYS, 2009). Significando a constituição cidadã de cada indivíduo como um agente do conhecimento, e se constituindo em uma nova construção das relações dos seres humanos com o seu ambiente natural e social (MEDINA, 2002).

É relevante efetuar a EA por meio de um viés crítico e dialógico e de coletividade dinâmicas, integrando-se a formação de professores e professoras. Para formar um espaço rico em temáticas a serem abordadas tanto na formação inicial quanto continuada, como ressalta Medina no seguinte trecho:

A capacitação nesta área pretende ser um processo pró-ativo de sujeitos que interagem e constroem os novos conhecimentos de forma contínua e participativa num processo de Ação-Reflexão-Ação sobre a práxis pedagógica e social exercida na realidade escolar e no ambiente sócio-cultural e natural onde a escola se insere. (Medina, 2002, p.56)

A formação atual do professor deve ser voltada a estruturação de um mediador, que não irá exercer a docência por uma conduta de fornecedor do saber, mas ao invés disso, terá

uma função de gestor e mediador da aprendizagem (IMBERNÓN, 2000). Pois fica o questionamento, qual é a função social de professores e professoras? Visto que seja necessário um reencontro com o sentido educativo da docência, como destaca Arroyo (2010, p.65) “a cultura escolar tende a curricularizar, gradear, disciplinar e normatizar saberes sócias, relações e até ciclos de desenvolvimento”.

O que se pensa nessa relação entre o processo formativo docente e a demanda de conhecimento e atitudes que a escola exige, pode ser pensada através da coerência entre os conteúdos da docência e o perfil docente, ou seja, como ressalta Arroyo (2010, p.87) “dominar os conteúdos e métodos de sua matéria é um saber necessário, porém insuficiente para dar conta do saber-fazer de seu ofício”. Além da necessidade do reconhecimento de que a educação é ideológica, ocorrendo na prática educativa em uma ação-reflexão-ação, e segundo Freire (1987, p.29) “o diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação”.

Almejando um processo de encontros, onde a mediação com a realidade ocorre na problematização da mesma, e no diálogo como forma de encontro dos sujeitos no mundo (FREIRE, 1987), dando espaço a complexidade dos processos que abrange a EA. A complexidade se efetiva na base do processo educacional, ou seja, na prática docente ao agregar-se o cotidiano, propondo um olhar diferente a educação, podendo ser explicado por Edgar Morin (1977, p.344):

A complexidade impõe-se, em primeiro lugar, como impossibilidade de simplificar; surge onde a unidade complexa produz as suas emergências, onde se perdem as distinções e clarezas nas identidades e causalidades, onde as desordens e as incertezas perturbam os fenómenos, onde o sujeito-observador surpreende o seu próprio rosto no objecto da sua observação, onde as antinomias fazem divagar o curso do raciocínio... A complexidade não é a complicação. Aquilo que é complicado pode reduzir-se a um princípio simples como uma meada enredada ou um nó de marinheiro. É certo que o mundo é muito complicado, mas se fosse apenas complicado, isto é, enredado, multidependente, etc, bastaria efectuar as reduções bem conhecidas: jogo entre alguns tipos de partículas nos átomos, jogo entre noventa e dois tipos de átomos nas moléculas, jogo entre as quatro bases no código genético, jogo entre alguns fonemas na linguagem.

Assim, Loureiro (2006, p.146) menciona que “o pensamento complexo busca fundamentalmente superar os paradigmas simplificadores que operam a disfunção ser humano/natureza ou que reduzem o ser humano de modo indistinto”. Morin (2003, p.14), amplia este conceito da complexidade, no seguinte trecho sobre a constituição e profundidade do conceito, como menciona a seguir:

Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso *século* e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade.

Visto que a complexidade faz parte do ser humano, logo integra os processos formativos realizados, pois somos biológicos e culturais ao mesmo tempo (MORIN, 2003), devido a isto a formação de professores deve ser repensada, desvinculando-se da forma fragmentada no qual ocorre, essa modificação no processo formativo pode ser mediado através (MORIN, 2003, p.89) de “um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto”.

Alguns fatores se inserem para propor a reflexão sobre o caminho formativo do docente, podendo destacar a seguinte afirmação de Gadotti (2003, p.15) referente ao papel docente na sociedade atual, onde diz que:

Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária.

O que o autor reflete, é o fato de necessitar de uma modificação no papel do professor, (re)significando a profissão docente, como ressalta Gadotti (2003, p.16) “o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do sua própria formação”. Então a docência possui essas relações de aprendizagem que estão associadas ao sentido atribuído a profissão docente, ao sentido atribuído a construção e reconstrução do conhecimento, desta forma Gadotti (2003) resume este sentido reflexivo e complexo da profissão docente, onde o aprender é conviver com a incerteza.

Os cursos superiores voltados à formação de professores para a educação básica possuem seus objetivos, ementa e projeto curricular baseados nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), sendo um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem seguidos na organização institucional aplicadas a estes cursos (BRASIL, 2002). Aproximando-se das discussões anteriores, as DCNs trazem algumas mudanças no contexto formativo do docente, no qual para o lugar dos conteúdos e disciplinas, determina que sejam importantes as competências adquiridas ou aperfeiçoadas do futuro profissional da educação, tornando-se referência para elaborações de Projetos Pedagógicos de cursos da área.

Nesse sentido, ao fazer essa discussão sobre a formação de professores e suas modificações em relação às exigências atuais em meio a diversos temas do cotidiano, pode-se destacar como uma contribuição para o incentivo a novas práticas educacionais, as Diretrizes Curriculares para a EA, através da Lei 9.795 de 27 de abril de 1999. Onde prevê que a formação de professores contemple as temáticas abrangidas pela EA, sugerindo que está seja uma disciplina obrigatória, a fim de fornecer uma formação crítica priorizando os debates relacionados à ética, política e o papel social dos docentes em sua atuação nas escolas (BRASIL, 1999).

Embora a Lei se contradiga em seu Artigo 10º, onde prevê que a EA seja desenvolvida em uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal, ou seja, não deve ser implantada através de uma disciplina como é disposto também na mesma Lei. Assim, o que se propõe é a realização das discussões sobre EA presente na formação complementar e nos currículos de formação de professores, permeando todas as disciplinas. Aliando-se ao que foi discutido nos trechos acima, em relação à abordagem da EA para a complexidade, fortalecendo esse intuito no Artigo 6º, onde menciona que se deve adotar uma abordagem considerando as relações entre a natureza, sociocultural, economia, incentivando as práticas interdisciplinares dos docentes (BRASIL, 1999).

2.5. CURRÍCULO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFSM E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A compreensão da docência e de sua formação é um processo contínuo, pois não se limita a formação inicial, tendo suas compreensões traçadas ao longo do exercício da profissão docente, onde a partir das práticas pedagógicas as reflexões sobre a profissão são realizadas. Como reflete Selma G. Pimenta (2012, p.32), “a formação é, na verdade, auto formação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas”, fortificando a ideia da compreensão da profissão como um processo contínuo, tendo seu início durante a formação inicial do professor.

A construção da docência, o tornar-se professor, não é um processo fácil, pois ainda não possuímos a compreensão dos sentidos da instituição escolar, sendo somente durante o Estágio a realização deste contato com a escola e os colegas de profissão, tornando-se um momento tardio para aprender dentro da profissão como menciona Antônio Nóvoa (2009, p. 30), “é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”.

Este contato com a escola proporciona um conhecimento prático e significativo à formação inicial, possibilitando analisar as situações que permeiam o espaço escolar, acreditando em uma formação direcionada para o pensamento crítico e reflexivo, desenvolvendo e consolidando os processos educativos na prática docente (IMBERNÓN, 2010). Ao se propor discutir sobre a profissão docente, temos que ter em mente os diversos desafios enfrentados logo na formação inicial, como a tardia inserção prática como mencionado anteriormente, e também outros aspectos que desmotivam a procura aos cursos de formação de professores, visto o cenário de falta de valorização em muitos aspectos à profissão.

Buscando neste trecho contextualização sobre a formação de professores atualmente, e sobre a base curricular de cursos de licenciatura da UFSM em relação à oferta de disciplinas voltadas a educação ambiental e discussão das questões ambientais. Visto que pensando em um sentido de exercício da profissão, não tem como exigir que a educação ambiental permeasse a prática educativa nas escolas se na formação inicial não se tem uma base para sua discussão posterior.

As informações sobre os cursos de licenciatura da UFSM, de sua grade curricular contendo disciplinas ofertadas, são obtidas através dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), obtidos no *Site*⁶ da universidade. A partir disto, segue a lista de cursos de formação de professores contendo ou não disciplinas da área da educação ambiental, e sua carga horária:

Quadro 2 – Cursos de Licenciatura da UFSM e disciplinas da área da EA

Curso	Disciplina	Carga horária
Artes Visuais - Licenciatura Plena em Desenho e Plástica	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Ciências Biológicas - Licenciatura Plena	Devido ao enfoque do curso, é o que abrange mais a área dos saberes da biodiversidade, destacando as seguintes disciplinas: Ecologia geral; Direito Ambiental.	Ecologia Geral: 60 h Direito Ambiental: 30h

⁶ Sites dos Cursos de Graduação da UFSM, Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC) e ementário (Conteúdo Programático): <http://w3.ufsm.br/prograd/index.php/documentos/ppcs-projetos-pedagogicos/8-paginas/10-cursos-de-graduacao>

Licenciatura em Ciências Sociais	Ciências Sociais e Meio Ambiente. Busca compreender a extensão interdisciplinar teórica e metodológica que perpassa a produção científica com respeito às temáticas sobre o Meio Ambiente e Sustentabilidade	60h
Dança - Licenciatura	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Educação Especial - Licenciatura Plena (Diurno)	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Licenciatura em Educação Especial - Noturno	Educação Ambiental. Com objetivo de conhecer e analisar as atividades humanas de forma a promover a preservação ambiental, respeitando a legislação ambiental nas esferas municipais, estaduais e federal.	45h
Educação Física	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Filosofia - Licenciatura Plena	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Física - Licenciatura Plena - Diurno	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Física - Licenciatura Plena Noturno	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Geografia - Licenciatura Plena	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gestão ambiental e conservação dos recursos naturais. 2. Ciência do ambiente. 3. Cidades sustentáveis: do real ao virtual. 4. Educação ambiental em geografia. 5. Projetos ambientais. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. 60h 2. 45h 3. 60h 4. 45h 5. 60h
Graduação em História - Licenciatura/Bacharelado	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Letras - Lic.- Hab.	Não possui nenhuma	-

Espanhol e Literaturas Língua Espanhola; Hab. Inglês e Literaturas Língua Inglesa; Hab. Português e Literatura Língua Portuguesa	disciplina na área da EA	
Matemática - Licenciatura Plena	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Música - Licenciatura Plena	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Pedagogia - Licenciatura Plena Diurno	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Pedagogia - Licenciatura Plena Noturno	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Química - Licenciatura Plena	Educação e meio ambiente	60h
Licenciatura em Teatro	Não possui nenhuma disciplina na área da EA	-
Curso de Ciências Biológicas/CESNORS/PM	1. Biodiversidade. 2. Gestão ambiental. 3. Sustentabilidade	1. 60h 2. 60h 3. 60h

Fonte: <http://w3.ufsm.br/prograd/index.php/documentos/ppcs-projetos-pedagogicos/8-paginas/10-cursos-de-graduacao>.

Embora a EA seja uma temática importante no sentido de levar o debate das problemáticas atuais até a escola e os alunos, é evidente na pesquisa realizada nos PPCs dos cursos de formação de professores da UFSM que os enfoques da EA são pouco contemplados. Sendo um fato preocupante visto que posteriormente esses alunos em formação inicial estarão atuando nas escolas e em outros locais, logo as discussões sobre a EA podem não se efetivarem na prática. A UFSM possui 22 cursos de licenciatura, das diversas áreas do conhecimento, nesses cursos apenas 6 possuem em sua grade curricular disciplinas que contemplam temáticas da EA.

Levando em conta a necessidade de uma formação de professores que priorize também as questões da EA, devido à possibilidade teórica e prática que o futuro docente pode construir em relação à consciência ambiental, e sua formação se relacionando com uma educação voltada para a cidadania e respeito ao ambiente (ALMEIDA, 2013). Sabendo que é dos cursos de licenciatura que os profissionais da educação são oriundos, e posteriormente devem exercer sua profissão utilizando dos conhecimentos da formação inicial, além de atender às demandas sociais para uma formação significativa dos alunos.

3. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

3.1. CAMINHO INVESTIGATIVO: TIPO DE PESQUISA E A COLETA DE DADOS

É utilizada uma metodologia qualitativa para a pesquisa, realizada através de um estudo de caso que é uma estratégia simples e específica aplicada ao ambiente observado, possuindo características que visam à descoberta, buscando retratar a realidade de forma completa e profunda, e para isto utiliza diversas fontes de informação, além de uma linguagem de fácil compreensão (LÜDKE, 2012). Visto que a investigação é um processo humano, portanto baseado na *curiosidade epistemológica*⁷ do sujeito que estimula a superação de uma visão voltada ao senso comum, transformando-se criticamente a fim de alcançar um papel significativo no processo de ensino – aprendizagem, assim segundo Freire (2011, p. 83) “a construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo (...)”.

Pode-se então compreender a pesquisa como uma ferramenta que auxilia a construção do conhecimento, devido a este processo ser diferente para cada pesquisador, não tem uma fórmula normativa para seu desenvolvimento, embora tenhamos alguns mecanismos que cooperam em sua realização. Como é o caso do método e metodologia, que podem ser definidos por Richardson (1999) onde diz que: o método é o caminho/maneira para alcançar o objetivo traçado; já a metodologia são as regras estabelecidas ao método científico.

Neste processo qualitativo de investigação da realidade os dados coletados são descritivos, em situações e acontecimentos, e a análise se configura como um processo indutivo, como: descrição dos sujeitos e locais; reconstrução dos diálogos; descrição das atividades; reflexões analíticas e metodológicas; mudanças de perspectivas, entre outros (LÜDKE, 2012).

Devido ao caráter qualitativo, usa-se para coleta de dados a entrevista não estruturada como principal abordagem investigativa, composta por duas perguntas guiadoras, que são: 1. Qual a importância da inserção da E.A? 2. Quais os desafios enfrentados para inserção da E.A? Pensando no que menciona Richardson (1999, p. 207) “a entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”, proporcionando este caráter de proximidade entre pesquisadora e colaboradoras.

⁷ Submete-se a curiosidade a um rigor metodológico de pesquisa, diferenciando-se então da curiosidade ingênua, no qual seu saber é composto de senso comum (FREIRE, 2011).

O processo de pesquisa foi organizado e realizado nas seguintes etapas: 1. Levantamento bibliográfico; 2. Contato com as Escolas e o grupo de colaboradoras; 3. Realização das entrevistas, na Escola A foram feitas individualmente, contando com três colaboradoras; na Escola B ocorreram em grupo, contando com duas colaboradoras. Possibilitando conhecer as opiniões e considerações em relação à EA, explorando a mobilidade proporcionada pela entrevista não estruturada, podendo ser discutida de uma forma mais contextualizada no trecho de Richardson (1999, p.208) a seguir:

A entrevista não estruturada, também chamada entrevista em profundidade em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo.

Assim o conhecimento vai se construindo pela investigação da realidade por meio da ação no contexto observado, a fim de complementar o campo teórico e metodológico, dispondo deste momento de intervenção na realidade para mobilização das possibilidades de aprendizagem.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas do meio urbano da cidade de Alegrete/RS, sendo estas denominadas didaticamente de Escola A e Escola B. O grupo de colaboradoras foi composto por cinco professoras, onde três faziam parte da Escola A, e duas da Escola B, escolhidas a partir do contato inicial com as escolas, no qual a equipe gestora indicou as docentes participantes. A Escola A é municipal, atendendo a demanda da educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental e educação de jovens e adultos (EJA). Já a Escola B é estadual, atendendo somente ensino fundamental.

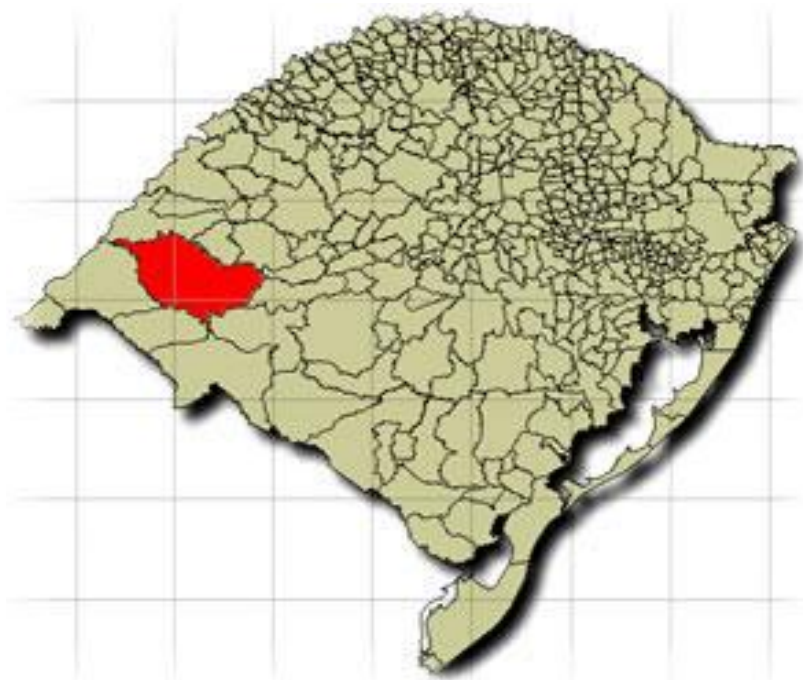
O município de Alegrete, localizado na região Oeste do Rio Grande do Sul, segundo dados do IBGE⁸ (2015) possui aproximadamente 78.499 mil habitantes, dispondo de uma área territorial de 7.803,954 km², e conta com 49 escolas de Ensino Fundamental, 58 pré-escolas e 15 escolas de Ensino Médio, dados obtidos no *WebSite* da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul⁹. A cidade de Alegrete tem sua origem através das missões Jesuíticas Espanholas, no ano de 1626, sendo conquistada pela coroa portuguesa em 1801. E só é levada

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁹ Os dados estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca_escolas.

a categoria de cidade em 1857, em meio a Revolução Farroupilha onde se torna a terceira Capital da República Sul-Riograndense (IBGE, 2015).

Figura 1- Mapa do município de Alegrete/RS

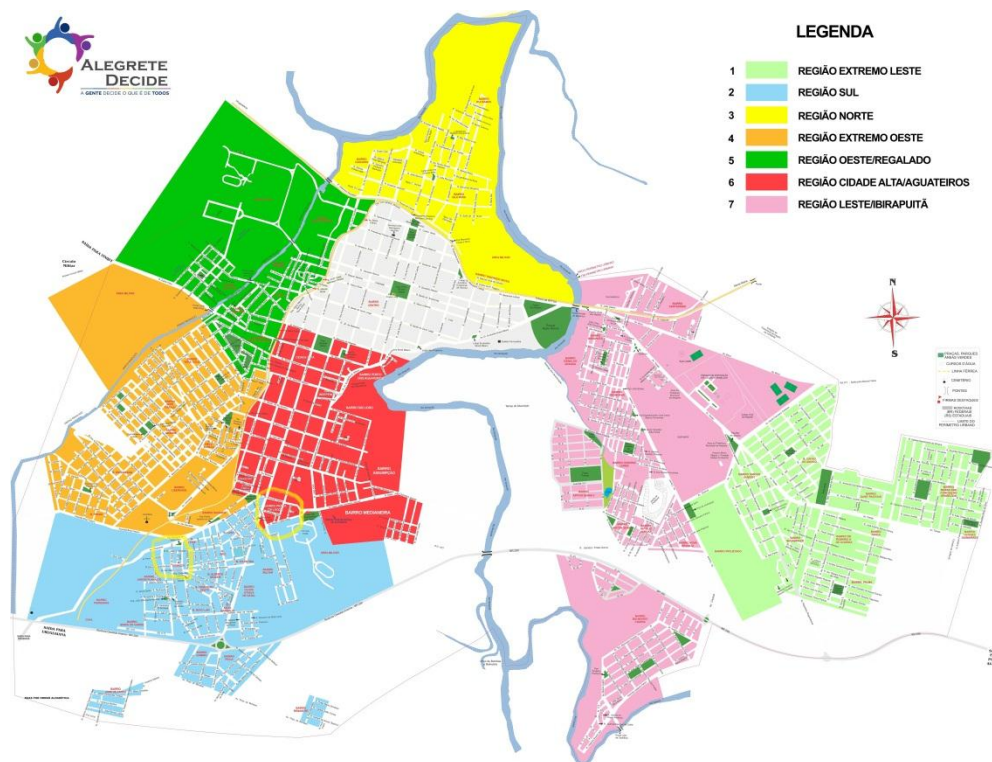


Fonte: <http://www.alegrete.rs.gov.br/site/?bW9kdWxvPTEmYXJxdWl2bz1jaWRhZGUucGhw&pagina=dados>

A escolha das escolas ocorreu devido à relação de proximidade através das atividades realizadas pelo Projeto de Extensão “Escola Responsável” onde em uma parceria entre Universidade Federal de Santa Maria e quatro escolas de Alegrete, concretizando desde 2015 um processo de conscientização em relação aos resíduos produzidos no ambiente escolar, dando origem a Agendas Ambientais por meio do Planejamento Estratégico Participativo, facilitando a inserção de práticas de educação ambiental nas escolas participantes. As Escolas A e B estão inseridas neste processo desde 2015, construindo uma proximidade com a EA e devido a isto é relevante verificar os encaminhamentos das ações planejadas para estes espaços.

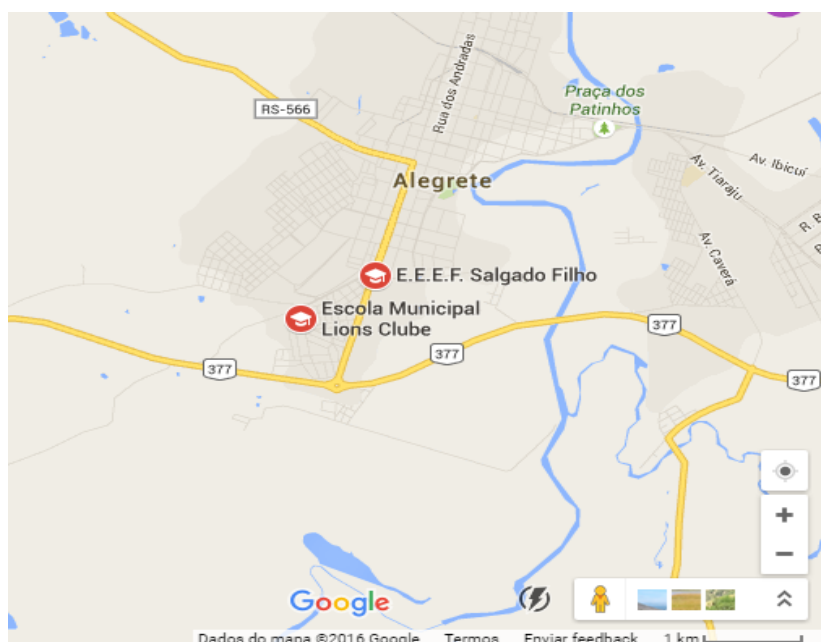
A Escola A é composta por 500 discentes, 30 professores e professoras, 15 funcionários e funcionárias, funcionando nos turnos: manhã, tarde e noite. A Escola B possui 200 discentes, 20 professores e professoras, e 10 funcionários e funcionárias. Demonstra-se a seguir a proximidade na localização das Escolas, a Escola A é localizada no Bairro Kennedy, e a Escola B no Bairro Praça da Lagoa.

Figura 2 - Mapa dos bairros da cidade de Alegrete/RS



Fonte: www.alegrete.rs.gov.br

Figura 3 - Localização da Escola A (EMEB Lions Clube) e Escola B (Escola Estadual de Ensino Fundamental Salgado Filho)



Fonte: Google Maps.

4. REFLEXÕES OBTIDAS

4.1. ENTREVISTAS NA ESCOLA A

4.1.1 Professora 1

Possui Licenciatura em Ciências Biológicas, atua como docente desde 1997 no município, e no estado ingressou em 2003, atualmente é docente do 9º ano do ensino fundamental. Através das perguntas iniciais, relata que acha importante inserir a EA em suas aulas, principalmente para conscientização com os cuidados dos espaços públicos. Menciona sobre a formação continuada que geralmente é ofertado aos docentes, embora algumas vezes ela não possa estar participando como gostaria, mas que devido a isto realiza cursos *online* referentes à EA para complementar seu conhecimento e melhorar sua prática educativa. Utiliza materiais recicláveis em suas aulas, procurando segundo a docente “desperdiçar o mínimo possível”, destacando a seguinte fala: “Falamos em reciclar, falamos em cuidar do ambiente, e às vezes eu observo assim, a gente fala em cuidar do ambiente e faz um monte de cartaz e depois põe tudo no lixo”.

A pesquisa faz parte da prática docente da mesma, pois os alunos sentem-se motivados e gostam desta metodologia, e não aponta dificuldades em trabalhar com a EA, acredita que para alcançar um resultado satisfatório em sala de aula os alunos precisam estar motivados, devido a isto procura alternativas para aproximar o ensino do cotidiano. Deste modo, a educação pela pesquisa torna-se um modo de construção de competências dos sujeitos, destacando Galiazzi & Roque (2002, p.138):

Assumir o educar pela pesquisa implica em assumir a investigação como expediente cotidiano na atividade docente. O pesquisar passa a ser princípio metodológico diário de aula. O trabalho de aula gira permanentemente em torno do questionamento reconstrutivo de conhecimentos já existentes, que vai além do conhecimento de senso comum, mas o engloba e enriquece com outros tipos de conhecimento dos alunos e da construção de novos argumentos que serão validados em comunidades de discussão crítica.

Almeja agregar as Tecnologias Digitais e Redes Sociais às suas aulas, pensando na questão do descarte de materiais que utilizam na escola, buscando substituir os cartazes feitos de cartolina pela confecção com os alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma página na *Internet*, onde ocorrerão postagens dos conteúdos e pesquisas realizadas substituindo o uso do material que seria descartado. A docente demonstra sua visão em

relação à educação atual, onde a escola não pode mais ignorar os jovens nativos digitais¹⁰, pois sabemos que o uso medieval do quadro de giz não funciona em sua totalidade, ao evitar as modificações e atualização em relação a novas possibilidades de aprendizagem, evidenciamos que como destaca Viviane Mosé (2013, p.33) “professores e alunos continuam apertando botões na linha de montagem de uma fábrica em extinção”.

Vale destacar neste contexto as constantes transformações Hominescentes, sendo um neologismo para designar as mudanças hominídeas, (SERRES, 2013), que abrem em nosso tempo e grupos sociais rachaduras de mudanças, e torna-se necessário pensar que o ensino também deve deixar-se transformar, os alunos de hoje não possuem as mesmas estruturas que os alunos de outros tempos, como menciona Michel Serres a seguir (2013, p. 24):

Na extremidade dessa fenda, temos jovens aos quais pretendemos ensinar, em estruturas que datam de uma época que eles não reconhecem mais: prédios, pátios de recreio, salas de aula, auditórios universitários, campus, bibliotecas, laboratórios, os próprios saberes...Estruturas que datam, dizia eu, de uma época e adaptadas a um tempo em que os seres humanos e o mundo eram algo que não o são mais.

Aplicar as tecnologias no cotidiano da prática docente com o propósito da sala de aula tornar-se um espaço mais abrangente em relação às aprendizagens. O docente que agrega a sua prática as tecnologias passa a modificar seu papel, de dono do saber passa a ser mediador das aprendizagens (MARQUES, 2002). Atualmente as tecnologias fazem parte da vida das pessoas, e é outra forma de aprendizagem que pode ser inserida ao desenvolvimento pessoal e profissional de cada um, visto que as possibilidades de acesso aos conhecimentos estão sendo utilizados como uma (re)significação dos conhecimentos na docência, podendo destacar Rodrigues & Colesanti (2008, p. 64):

As diferentes tecnologias implicam mudanças nas atitudes, valores e comportamentos, nos processos mentais e perceptivos, demandando novos métodos educacionais e racionalidades pedagógicas sintonizadas com as necessidades das novas gerações.

Desta forma, ao ultrapassar as funções que tínhamos com o uso dos computadores de mesa, acompanhando as mudanças e novos recursos tecnológicos que estão disponíveis a todos atualmente, começa-se a pensar sobre a inserção destas tecnologias digitais, como por

¹⁰ O termo nativos digitais foi sugerido pelo escritor e palestrante sobre aprendizagem e educação, o americano Marc Prensky (2001), designando os nascidos do ano de 1990 em diante que apresentam familiaridade com o computador e outros dispositivos tecnológicos, possuindo a capacidade de recepção de informações de forma rápida, a habilidade de processamento de vários assuntos ao mesmo tempo, e o desempenho de diversas tarefas.

exemplo, os celulares e *tablets*, como um instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Levando – se em conta a geração “Polegarzinha” (SERRES, 2013), que possui seu comportamento, pensamento e aprendizagem diferenciada e atrelada a estes dispositivos que fazem parte do dia a dia.

4.1.2 Professora 2

Formada em Pedagogia, trabalha na escola há doze anos com a educação infantil e ensino fundamental. Menciona que costuma agregar outras professoras no desenvolvimento dos projetos escolares, a organização ocorre por meio de iniciativa autônoma das docentes e não é uma regra geral da escola, embora a mesma possua alguns projetos em execução, com parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Secretarias de Educação e Cultura e Secretaria do Meio Ambiente. Esta organização para o trabalho docente em grupos assemelha-se muito com as redes de trabalho colectivo (NÓVOA, 2009), que permitem a partilha e o diálogo de saberes profissionais, além do suporte mútuo para realização das atividades docente.

Destaca-se a seguinte fala da docente referente à sua opinião sobre a importância da inserção da EA: “Nós, principalmente de anos iniciais, sempre procuramos colocar essa parte ambiental e o cuidado com o meio ambiente, até porque nós estamos vendo a precariedade que tá ao nosso redor, então a gente salienta muito”. Relata sobre a parceria com projeto de extensão da UFSM e escola, que organizou por meio de agendas ambientais o trabalho de educação ambiental que a escola e alguns docentes já realizavam.

Destaca alguns resultados dessa parceria como a reciclagem de materiais como óleo de cozinha e posterior fabricação de sabão; realização de compostagem no qual o adubo foi aplicado na horta suspensa localizada no pátio da escola. Segundo a Professora, a importância da EA na prática educativa é demonstrada aos alunos por meio destas ações citadas acima, objetivando que este conhecimento e experiência sejam levados até a comunidade e famílias.

Em relação às dificuldades, refere-se à falta de recursos que possibilitem o andamento e conservação das ações e também a falta de oferta de formação continuada na área da EA, pois segundo ela, “falta alguns conhecimentos mais técnicos sobre meio ambiente”. Pensando no contexto da formação continuada, reflete-se sobre as demandas ter origem na prática do docente, podendo destacar a ideia de formação continuada que Gadotti (2003, p.31) trás:

A formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas.

Portanto na medida em que a formação continuada parte das necessidades dos docentes, tende a levar em conta as vivências e o cotidiano dos envolvidos, propondo-se a modificar o processo de ensino e aprendizagem. Visto que o trabalho do professor ocorre através da construção de suas práticas como docente, tendo o propósito de mediar à aprendizagem dos alunos (NÓVOA, 2009).

4.1.3 Professora 3

Atua como docente na educação infantil há vinte anos, atua atualmente em uma da educação infantil, logo ao iniciar sua fala menciona que é muito importante incluir no ensino das crianças o cuidado com o meio ambiente, pois acredita que as crianças devem compreender seu papel no mundo através desse olhar para o meio ambiente. Sua forma de trabalhar com a EA é demonstrando aos alunos que tudo está interligado no meio ambiente, como menciona no trecho a seguir “se a gente destruir uma plantinha, o bichinho que se alimenta daquela planta vai ficar sem alimento, então ao despertar a curiosidade deles estimula os alunos quererem estudar mais, querer aprender mais sobre aquele assunto”.

Demonstrando o quanto o entendimento do todo permeia a prática educativa sendo a complexidade algo que faz parte da prática educativa, podendo ser um processo compreendido como ressalta Morin (2003, p.44), como um tecido de elementos, como segue a seguir:

À primeira vista, complexidade é um tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados, que apresentam a relação paradoxal entre o uno e o múltiplo. A complexidade é efetivamente a rede de eventos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. A complexidade apresenta-se, assim, sob o aspecto perturbador da perplexidade, da desordem, da ambigüidade, da incerteza, ou seja, de tudo aquilo que é se encontra do emaranhado, inextricável.

Destaca que as atividades práticas que realiza como o cultivo da horta suspensa, é o momento em que as crianças ficam mais motivadas em aprender, levando este conhecimento para suas famílias, efetuando o papel de agentes do conhecimento. Embora mencione que a sensibilização em relação aos cuidados com o meio ambiente deve ser construída no convívio familiar e não somente na escola. A aprendizagem por meio da inserção dos alunos à prática é

um fato a destacar-se na medida em que é efetivada a importância dessas ações, como menciona Morin (1977, p.326) que a construção do conhecimento “não é fora da práxis, mas numa meta-práxis que é novamente uma práxis, que devemos procurar o conhecimento; que nunca é fora do ruído que devemos procurar a complexidade”.

Sobre as dificuldades enfrentadas, relata a falta de apoio com materiais a serem utilizados, pois geralmente compra ou recebe ajuda dos alunos, e da comunidade, como por exemplo, as mudas de morango que estão cultivadas na horta suspensa foram doadas pela comunidade. Sente falta de uma formação continuada voltada a EA, já realizou formações promovidas pela Prefeitura Municipal, destacado por ela a Semana do Meio Ambiente no qual sempre participa. Para o futuro, sente-se motivada a seguir realizando atividades voltadas ao meio ambiente e concretizando, por exemplo, a construção de um minhocario para auxiliar na implantação efetiva da composteira da escola.

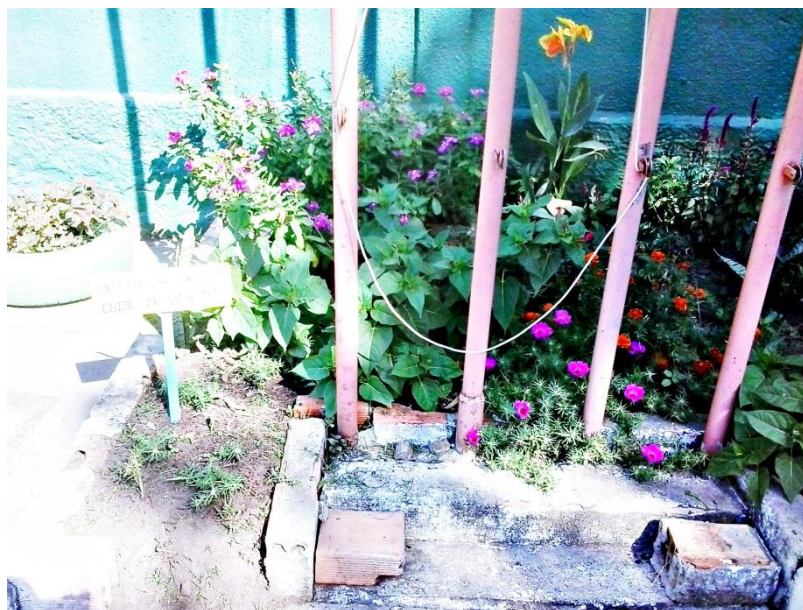
Na sequência são demonstradas nas Figuras 1 e 2 algumas ações realizadas pela Escola A, como atividade de paisagismo através da reciclagem de alguns materiais e plantio de mudas.

Figura 4 - Ações de paisagismo realizadas na Escola A.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 5 - Prática de Paisagismo realizado na Escola A.



Fonte: Arquivo Pessoal.

4.2. ENTREVISTAS NA ESCOLA B

A Professora 4 é pedagoga e trabalha com a turma do ensino fundamental anos iniciais, a Professora 5 possui Licenciatura em Geografia e é docente dos anos finais do ensino fundamental. São dinâmicas ao relatarem que se sentem a vontade em abordar temas relacionados à EA em suas aulas, e procuram sempre levar essas discussões sobre os diversos assuntos relacionados ao meio ambiente e principalmente frisando os cuidados que todos devem ter com a escola.

É relatado o auxílio fornecido através do mesmo projeto de extensão da UFSM citado acima, no qual a escola participa, fornecendo apoio no planejamento de algumas ações pontuais e construção da agenda ambiental, partindo da realidade local e dos problemas enfrentados no contexto da escola. Podendo citar algumas já concretizadas como: revitalização dos canteiros de plantas e da área externa da escola; mostra de fotos das atividades relacionadas à EA.

Um fato que segundo elas coopera com as ações que já vinham sendo realizadas na escola é aderir à campanha de combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, resultando em uma motivação maior para a sensibilização em relação aos cuidados com o meio ambiente e principalmente com o entorno da escola, através de um mutirão de limpeza com participação de alunos, professores e colaboração da Secretaria de Meio Ambiente da cidade. Relatam que

não é difícil a inserir a EA em suas aulas, pois acreditam na importância da EA e de um ensino voltado ao cotidiano do aluno, como menciona (MORIN, 2000) o conhecimento é como uma aventura no qual a educação deve oferecer apoio, dessa forma o ensino voltado ao cotidiano contribui para a difusão do conhecimento e de práticas conscientes em relação aos cuidados com o meio ambiente.

No que se refere às dificuldades enfrentadas, semelhante à Escola A é mencionado sobre a falta de recursos para apoiar algumas ações a serem realizadas fora do espaço escolar, como por exemplo, saídas de campo, ou viagens a reservas naturais. Em relação à forma com que as famílias recebem as aprendizagens dos alunos é outra problemática levantada, segundo as docentes é um fato que preocupa, no qual não há uma participação das famílias neste processo de sensibilização, tornando-se um empecilho em relação aos espaços de propagação das aprendizagens sobre EA. Desta forma fica evidente a complexidade no contexto escolar, pois neste ambiente convive-se com diversos componentes de cunho econômico, político, sociológico, psicológico, afetivo, sendo inseparáveis porque existem em um tecido interdependente que compreende o todo (MORIN, 2003).

Devido à falta de espaço físico da Escola B, as ações de EA voltam-se na melhoria do pátio por meio da revitalização dos canteiros, como segue nas Figuras 3 e 4 a seguir:

Figura 6 - Revitalização de canteiros e espaço físico da Escola B.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 7 - Revitalização de canteiros e espaço físico da Escola B.



Fonte: Arquivo Pessoal.

E através das vivências e saberes construídos no dia a dia da profissão docente, que a complexidade se efetiva, levando em conta diversos elementos que compõem o espaço da escola, colocando em prática os saberes que a teoria trás, como destaca Morin (2000, p.38) “o conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras”, ou seja, conjugando em um sentido agregador as áreas do conhecimento.

4.3. PANORAMA DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CIDADE DE ALEGRETE/RS

As atividades de formação para professores e alunos na temática da EA em escolas da cidade de Alegrete geralmente são proporcionadas pela Secretaria do Meio Ambiente, havendo uma parceria efetiva e consolidada com as escolas. Os dados descritos a seguir são oriundos de uma pesquisa digital realizada em *Sites*¹¹ da Prefeitura da cidade Alegrete, Jornal

¹¹ Os dados estão disponíveis para o acesso e consulta nos seguintes *links*: Prefeitura de Alegrete. Educação ambiental foi o foco da Secretaria de Meio Ambiente no primeiro trimestre. Disponível em: <www.alegrete.rs.gov.br>. Acesso em: 3 de maio. 2016. Jornal Digital Alegrete Tudo. Secretaria do Meio Ambiente realizou atividades educativas na Semana da Árvore. Disponível em: <<http://alegretetudo.com.br/secretaria-do-meio-ambiente-realizou-atividades-educativas-na-semana-da-arvore/>>. Acesso em: 3 de maio. 2016. Fundação Maronna. Conferência Municipal do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://fundacaomaronna.org.br/conferencia-municipal-meio-ambiente>>. Acesso em: 3 de maio. 2016.

de notícias *online*, e o *Site* da Fundação Maronna, que é uma organização ligada aos cuidados com meio ambiente.

Uma das principais atividades de cunho ambiental realizada na cidade é denominada de Blitz ambientais. Ocorrendo em datas como a Semana da Árvore onde são distribuídas mudas de plantas, e realizam-se palestras voltadas a comunidade escolar com temas sobre o meio ambiente. Além dessas datas significativas, a Secretaria desenvolve juntamente com outros órgãos municipais a Conferência Municipal de Meio Ambiente anualmente, discutindo de forma abrangente diversos assuntos relevantes para a cidade, como: resíduos de saneamento; resíduos sólidos dos serviços de saúde; resíduos de logística reversa obrigatória; resíduos recicláveis domiciliares e comerciais; resíduos orgânicos domiciliares; e resíduos da construção civil e de demolição. Propondo – se ao final da conferência denominar alguns pontos a serem trabalhados durante o ano.

Fazendo um panorama da situação atual das ações de EA no município baseado no relatório de 2015 divulgado pela Secretaria de Meio Ambiente em sua página no *Site* da Prefeitura, para além das atividades triviais, como fiscalização, vistorias e licenciamentos, é ressaltado atividades de EA e a integração no combate ao mosquito *Aedes Aegypti*. Um fato importante contido no relatório da Secretaria de Meio Ambiente sobre o ano de 2015, que se relaciona com a gestão de resíduos, onde já foram realizados quatro carregamentos de lixo eletrônico, contendo 28 toneladas; e quatro cargas de pneumáticos, contendo 49 toneladas; e carregamento com 3.500 lâmpadas e reatores. Dando ênfase as demandas levantadas nas conferências municipais.

O relatório da Secretaria de Meio Ambiente destaca também a realização desde 2015 do projeto Escola Responsável, que visa contribuir no processo de construção da consciência ambiental nas escolas participantes, priorizando a sensibilização em relação à problemática da correta destinação dos resíduos gerados no âmbito escolar. Atualmente participam quatro escolas de Alegrete, contando com professores (as), funcionários (as), alunos (as); além da inserção de acadêmicos (as) de graduação que cursam as disciplinas de Gestão Ambiental dos cursos de Zootecnia e Ciência e Tecnologia em Alimentos da UFSM, a fim de propiciar a troca de saberes entre universidade e comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as entrevistas das docentes, percebe-se o quanto as questões que permeiam a EA estão presentes no cotidiano escolar. Através desta intervenção no âmbito escolar, destaca-se a relevância da presença da EA na formação de professores como sendo uma necessidade permanente para a (re)significação dos conhecimentos. Além da importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares Nacionais nesse contexto, pois legitima e proporciona que o enfoque ambiental e de outros Temas Transversais sejam envolvidos no decorrer das disciplinas.

Sobre a importância da inserção da EA em sua prática docente, todas as colaboradoras concordam e acham que os temas podem ser abordados durante as aulas, e principalmente o espaço escolar deve ser utilizado para complementar as aprendizagens através de atividades e ações de cunho ambiental, adquirindo a partir disto um caráter de sensibilização sobre as questões ambientais. Ficando evidente o papel da EA para a articulação de conhecimentos de áreas distintas que as docentes procuram agregar e colocar em prática em suas salas de aula, tornando a escola como um espaço de formação para os alunos e para professores. Podendo-se ressaltar as contribuições de Paixão & Meurer (2016, p.27) onde dizem que “explicitar e refletir sobre esses sujeitos no mundo poderá aumentar as possibilidades de que esses profissionais sejam formados em uma perspectiva mais real e não ideal”.

De fato apesar de obter posições positivas em relação à importância da EA, as participantes relatam alguns pontos negativos a serem melhorados no decorrer das ações de EA nas escolas, ressaltando os seguintes: a falta de recursos financeiros; uma formação continuada de professores com temas voltados ao cotidiano escolar; a melhoria da relação escola – família, a fim de proporcionar a propagação dos saberes discutidos pelos alunos na escola. O que se propõe como forma de sugestão, é realizar modificações no Projeto Político Pedagógico das escolas, colocando a EA como uma das prioridades a serem trabalhadas durante o ano letivo, ocorrendo um debate em conjunto com os docentes que já possuem proximidade com o tema podendo assim surgir estratégias tanto de gestão do ambiente escolar, estruturação metodológica do tema, e o planejamento de recursos destinados às atividades da EA.

Nesse contexto pode-se ressaltar o potencial de atuação da gestão escolar, por meio da equipe diretiva e coordenadores pedagógicos, no processo organizador e incentivador dos professores que procuram inserir a EA em suas aulas e ações cotidianas. Pois é possível no

desenvolvimento deste trabalho em conjunto, fortalecer a articulação dos procedimentos metodológicos adotados, visto que atua como um suporte teórico e prático aos professores, como se pode ressaltar o seguinte trecho de Moraes (2012, p.96), “o gestor precisa incentivar a equipe escolar a criar espaços privilegiados como quiosques, gramados, jardins, ou seja, deve estabelecer um ambiente agradável para o desenvolvimento de diversas atividades”.

Em relação aos enfoques utilizados pelas docentes, em sua maioria detêm-se a concepção de EA focada no meio ambiente e biodiversidade, não atentando a uma concepção da complexidade, ou seja, não abordam outros temas ligados a EA. Talvez a falta de um olhar mais aguçado sobre as possibilidades didáticas da EA ocorra devido à carência de formação continuada que aborde estes outros enfoques, podendo ser ressaltado esta demanda formativa pelas docentes entrevistadas. Assim o pensamento complexo, destacado por Morin (2009), contribui no processo educativo provocando mudanças no modo de pensar dos sujeitos, adotando – se atitudes que admitam a existência de paradoxos e contradições nas questões refletivas na EA, contrariando o princípio redutor das disciplinas. Ou seja, é atentar para as conexões e relações existentes entre as questões ambientais e o foco além destas, incorporando questões da sociedade, da econômica, política e cultural para debater sobre EA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jacqueline Praxedes. **Formação docente para a promoção da educação ambiental: o caso de uma escola estadual em maceió (AL)**. Revbea, Rio Grande, V. 8, No 1:114-129, 2013.

AZEVEDO, J. C. de; REIS, J. T. **Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS**. In: Reestruturação do ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática. Organização Jose Clovis de Azevedo, Jonas Tarcísio Reis. — 1 ed. — São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. – 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CP 1/2002 de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 2002.

_____. **Lei nº. 6.938 de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, DF, 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm>. Acesso em: 19/06/2016.

_____. **Lei n. 9795 - 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, DF, 1999.

_____. **Lei n. 9795 - 27 de abril de 1999**. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, DF, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 02 de maio. 2016.

_____. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). **PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 6a edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra., 2001.

GALIAZZI, M. do C.; MORAES, R. **Educação pela pesquisa como modo, tempo e espaço de qualificação da formação de professores de ciências.** *Ciência & Educação*, v. 8, n. 2, p. 237-252, 2002.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** – Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

IMBERNÓN, F. **Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã.** *In:* (Org.) Francisco Imbernón. *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato.* – 2 ed.- Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informações sobre a cidade de Alegrete.** 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20/06/2016.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental.** – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental.** *Educ. Soc.*, Campinas, Vol. 27, nº. 94, p. 131-152, Jan/Abr. 2006.

_____. **Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária.** *In:* (Orgs.) Carlos Frederico Bernardo Loureiro; Philippe Pomier Layrarques; Ronaldo Souza de Castro. *Educação ambiental: repensando o espaço de cidadania.* – 3.ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental.** – São Paulo: Cortez, 2004.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** – [Reimpr.]. – São Paulo: E.P.U., 2012.

MARQUES, A. C. **Utilização da informática na escola.** *In:* *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.* (Org.) Luis Paulo Mercado. Maceió: AL: EDUFAL, 2002.

MEDINA, N. M. **Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental.** Brasília, IBAMA, 1996.

_____. **Breve histórico da Educação Ambiental.** *In:* (Orgs.) PADUA, S. M. e TABANEZ, M. *Educação Ambiental : caminhos trilhados no Brasil.* Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), Brasília: Editora Pax, 1997.

_____. **Formação de Multiplicadores para educação ambiental.** *In:* *O contrato social na ciência unindo saberes na educação ambiental.* Org: PEDRINI, A. G. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, K. S. de. **Educação ambiental e interdisciplinaridade**. In: (Orgs.) Valéria Sucena Hammes; Marcos Fernando Gluck Rachwal. Meio ambiente e a escola. – Brasília, DF: Embrapa, 2012.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. **Educar na era planetária: O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. – São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, E. **O Método I: natureza da natureza**. 2ª ed. Tradução: M. G. de Bragança. Portugal, Europa – América, 1977.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NÓVOA A. **Professores Imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, V. F. de. **A formação de professores revisita os repertórios guardados na memória**. In: Imagens de professor: significações do trabalho docente. (Org.) Valeska Fortes de Oliveira. – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

PAIXÃO, M. E. L.; MEURER, A. C. **Fazendo educação**. In: (Org.) Márcia Eliane Leindcker da Paixão [et. al.]. Educação ambiental: escolas sustentáveis e com – vida [relatos de experiências de Santa Maria e região]. – Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.

PEDRINI, A. de G. **Trajatórias da Educação Ambiental**. In: (Org.) Alexandre de Gusmão Pedrini. Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação de professores**. – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividades docente**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PRENSKY, M. **Digital Natives Digital Immigrants**. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em 30/junho/2016.

RAYS, O. A. **Pressupostos teóricos para o ensino da didática**. In: (Org.) Vera Maria Candau. A didática em questão.. – 29. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. – São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, G. S. de S. C.; COLESANTI, M. T. de M. **Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (1): 51-66, jun. 2008.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SORRENTINO, M. **Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta**. In. (Orgs.) Carlos Frederico Bernardo Loureiro; Philippe Pomier Layrarques; Ronaldo Souza de Castro. Educação ambiental: repensando o espaço de cidadania.– 3.ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

URBAN, A. C.; MAIA, C. M.; SCHEIBEL, M. F. **Didática: organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

ANEXOS

ANEXO A – COMPROVANTE DE REGISTRO NO GABINETE DE PROJETOS

		Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Data/Hora: 07/05/2016 16:36				
		Projeto na Íntegra	Autenticação: A82A.E5F6.0FEB.0348.19D5.2D57.A774.FFF3 Consulte em http://www.ufsm.br/autenticacao				
Título: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA DOCENTE: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA INSERÇÃO DO TEMA EM ESCOLAS DE ALEGRETE - RS							
Número: 042439	Classificação: Pesquisa		Registrado em: 04/03/2016				
Situação: Em andamento	Início: 01/03/2016		Término: 30/12/2016				
Avaliação: Novo/Registrado			Última avaliação:				
Fundação: Não necessita contratar fundação			Número na fundação: Não se aplica				
Supervisor financeiro: Não se aplica			Valor previsto: Não se aplica				
Pagamento de bolsa: Não paga nenhum tipo de bolsa							
Proteção do conhecimento: Direito Autoral - Copyright							
Tipo de evento: Não se aplica	Carga Horária: Não se aplica		Alunos matriculados: Não se aplica				
			Alunos concluintes: Não se aplica				
Palavras-chave: Educação Ambiental, Prática Docente, Tema Transversal							
Resumo: A Educação Ambiental demonstra sua importância ao ser parte do processo formador dos sujeitos, abrangendo diversos temas e problemáticas, assumindo-se como parte do processo social gerador de mudanças de comportamento por meio da complexidade das relações dos indivíduos com o meio. Podendo ocupar espaços diversos para sua contextualização enquanto processo educativo abarcado na Lei 9.795 (27 de abril de 1999, Capítulo I, Art. 1), como um conjunto de processos em que o indivíduo e coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, ao uso comum do povo, e a qualidade de vida e sustentabilidade. Assim, objetiva-se realizar a investigação das perspectivas de professoras (es) de duas Escolas da cidade de Alegrete/RS, sobre a importância e desafios presentes na inserção da E.A como um tema transversal em sua prática educativa.							
Observação:							
Participantes							
Matrícula	Nome	Vínculo	Função	Bolsa	C.H.	Início	Término
201561141	GABRIELLA ELDERETI MACHADO	Aluno de Pós-graduação	Participante	20		01/03/2016	30/12/2016
382209	PAULO EDELVAR CORREA PERES	Docente	Orientador	10		01/03/2016	30/12/2016
Unidades vinculadas							
Unidade			Função	Valor	Início	Término	
04.39.00.00.0.0 - DEPTO. MICROBIOLOGIA PARASITOLOGIA - MIP			Responsável		01/03/2016	30/12/2016	

Classificações				
Tipo de classificação		Classificação		
Linha de pesquisa		00.03.02.00 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL		
Classificação CNPq		9.25.00.00-1 - MULTIDISCIPLINAR		
Quanto ao tipo de projeto de pesquisa		2.02 - Projeto de Monografia para Cursos de Pós-Graduação		
Arquivos anexos				
Nome do arquivo		Tipo		Incluído em
PROJETO MONOGRAFIA EA PLATAFORMA BRASIL.docx		Plano do Projeto		04/03/2016
Regiões de atuação				
Cidade	UF	País	Início	Término
Alegrete	Rio Grande do Sul	Brasil	01/03/2016	30/12/2016
Atividades				
Atividade	Início previsto	Início efetivo	Término previsto	Término efetivo
Pesquisa Bibliográfica; Entrevistas em escolas.	01/03/2016	04/03/2016		04/10/2016

ANEXO B - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu Irineo Zanella, abaixo assinado, responsável pelo Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria, autorizo a realização do estudo "Educação Ambiental e a formação docente: importância e desafios da inserção do tema na prática educativa em Escolas de Alegrete - RS", a ser conduzido pela pesquisadora Gabriella Eldereti Machado (Matrícula 201561141) e seu orientador Prof. Dr. Paulo Edelvar Correa Peres (SIAPE nº. 382209).

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data

29/02/2016



Assinatura e carimbo do responsável institucional

Prof. Irineo Zanella
Diretor CCR/UFSM

ANEXO C - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL

CARTA DE ACEITE

Declaramos, para os devidos fins, que a Escola Municipal de Ensino Básico Lyons Clube, situada na cidade de Alegrete/RS, concorda em participar no ano de 2016 da pesquisa intitulada: "Educação Ambiental e a formação docente: importância e desafios da inserção do tema na prática educativa em Escolas de Alegrete - RS", a ser conduzido pela pesquisadora Gabriella Eldereti Machado (Matrícula 201561141) e seu orientador Prof. Dr. Paulo Edelvar Correa Peres (SIAPE nº. 382209).

Alegrete, 10 de Março de 2016.

E. M. de Educação Básica
"LIONS CLUBE"
Decreto de criação nº 70177
Alegrete-RS



CARIMBO e ASSINATURA do responsável pela Escola

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL

CARTA DE ACEITE

Declaramos, para os devidos fins, que a Escola Estadual de Ensino Fundamental Salgado Filho situada na cidade de Alegrete/RS, concorda em participar no ano de 2016 da pesquisa intitulada: "Educação Ambiental e a formação docente: importância e desafios da inserção do tema na prática educativa em Escolas de Alegrete - RS", a ser conduzido pela pesquisadora Gabriella Eldereti Machado (Matrícula 201561141) e seu orientador Prof. Dr. Paulo Edelvar Correa Peres (SIAPE nº. 382209).

Alegrete, 10 de Março de 2016.

E. E. de Ensino Fundamental
"SALGADO FILHO"
Port. de Reorg. nº 31047 de 24/7/80
D. O. 25/7/80
143 CEP - ALEGRETE-RS


Edilene Terezinha da Silva Oliveira
Diretora - IDF: 1311891/01

E. E. de Ensino Fundamental
"SALGADO FILHO"

CARIMBO e ASSINATURA do responsável pela Escola

E-mail: salgadofilho10cre@educacao.rs.gov.br

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Educação ambiental e a prática docente: importância e desafios da inserção do tema em escolas de Alegrete – RS.

Pesquisador responsável: Gabriella Eldereti Machado

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais.

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-8738. Avenida Roraima, 1000, Centro de Ciências Rurais, prédio 44, sala 5320, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Escola Estadual de Ensino Fundamental Salgado Filho e Escola Municipal de Ensino Fundamental Lyons Clube.

Eu Gabriella Eldereti Machado, responsável pela pesquisa “EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PRÁTICA DOCENTE: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA INSERÇÃO DO TEMA EM ESCOLAS DE ALEGRETE – RS”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende apontar a importância e os desafios existentes para inserção da Educação Ambiental como um tema transversal na prática docente. Acreditamos que ela seja importante porque seria uma forma de discutir essa proposta através de experiências reais e vividas pelos docentes a ser entrevistados, contribuindo para promoção da Educação Ambiental no contexto escolar. Para sua realização será feito o seguinte: inicialmente um contato com a parte gestora das Escolas, a fim de solicitar autorização para a pesquisa; posteriormente realiza-se o contato com algumas professoras e professores das Escolas participantes; finalmente a pesquisa irá ser efetuada por meio de entrevistas estruturadas. Sua participação constará de participar como entrevistada(o).

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum

Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM: Av. Roraima, 1000 - 97105-900 - Santa Maria - RS -
2º andar do prédio da Reitoria. Telefone: (55) 3220-9362 - E-mail: cep.ufsm@gmail.com.

dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Autorização

Eu, Divaleia Solene Pedrossi da Rosa, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será elaborado em duas vias, (sendo que uma ficará com o participante e outra via com os pesquisadores), e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação seja voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, das atividades aos quais irei participar e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do participante

Divaleia Solene Pedrossi da Rosa

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Fabíella Machado

Local,

Escola Salgado Filho

dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Autorização

Eu, Daiame Campos Mendes, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será elaborado em duas vias, (sendo que uma ficará com o participante e outra via com os pesquisadores), e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação seja voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, das atividades aos quais irei participar e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do participante Daiame C. Mendes

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE Fabiella Malhada

Local, Salgado Filho / Alegrete

dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Autorização

Eu, ROSELEI SANTOS DOS SANTOS, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será elaborado em duas vias, (sendo que uma ficará com o participante e outra via com os pesquisadores), e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação seja voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, das atividades aos quais irei participar e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do participante



Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE



Local,

Escola Mons Clube - Alegrete

dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Autorização

Eu, ANDREIA FERREIRA DE FERREIRA após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será elaborado em duas vias, (sendo que uma ficará com o participante e outra via com os pesquisadores), e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação seja voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, das atividades aos quais irei participar e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do participante

Andréia Ferreira de Ferreira

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

José Roberto M. Cardoso

Local,

Escola Zyornis Clube - Alegrete

dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Autorização

Eu, Calize Rocha de Freitas Sefors, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento que será elaborado em duas vias, (sendo que uma ficará com o participante e outra via com os pesquisadores), e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação seja voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, das atividades aos quais irei participar e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do participante Calize Rocha de Freitas Sefors

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE fernanda maitardo

Local, Escola Vovós Clube - Alegrete

ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS DOCENTES

Professora 1:

“Eu sou Roselei Santos dos Santos, no caso eu fiz a faculdade de ciências no tempo em que era a curta e a plena de ciências, e trabalho desde 1997, que eu comecei no município. Até eu terminei em 1996 a faculdade e dei sorte que teve um concurso e eu comecei em 1997”.

“E no estado trabalhei no caso numa escola rural, num polo né, onde a gente ficava lá, morava lá, e em 2003 eu vim pra cidade porque eu passei, aí vim trabalhar em um concurso do estado”.

“Sempre trabalhando com ciências, trabalhei algumas vezes com matemática, mas eu prefiro trabalhar com ciência”.

“A educação ambiental eu acho fácil e importante de inserir nas aulas, e é uma maneira da gente conscientizar os alunos, e é difícil, eu digo assim para eles é fácil cuidar o ambiente que é deles, mas quando é público eu observo que é bem mais complexo, então eu acho importante trabalhar pra conscientizar”.

“As dificuldades que eu enfrento seria mais em relação ao material, porque a formação se a gente analisar, seguidamente tem, e até a gente deixa de fazer formação por acomodação né, mas eu acho que é oferecido bastante, até às vezes tem curso *online* que dá para a gente fazer”.

“E material a gente pode buscar, já que estamos trabalhando essa parte, a gente sabe o que a gente tem que usar, reciclar, e até eu procuro assim fazer o mínimo possível de usando material que seja como papel né, porque falamos em reciclar, falamos em cuidar do ambiente e faz um monte de cartaz e depois pega e põe tudo no lixo, então eu acho que tem que achar umas formas diferentes de trabalhar”.

“Eu uso bastante pesquisa, eu gosto de trabalhar com eles pesquisando, e eles apresentando e falando, eu acho que é mais válido né, e eles gostam de fazer esse trabalho, porque eu acho que se tu der uma motivada nada é difícil de trabalhar, às vezes não sai como a gente espera, mas consegue realizar”.

Professora 2:

“Meu nome é Elieze Safons, eu trabalho na escola a 12 anos, nos sempre trabalhos com projetos, principalmente os anos iniciais, nos escolhemos trabalhar junto, mesmo que a escola não faça um projeto piloto, então nós sempre procuramos colocar essa parte de ambiental, o

cuidado com o meio ambiente até porque nos estamos vendo a precariedade do meio ambiente, a gente salienta muito para eles”.

“Estamos atualmente trabalhando em um projeto em parceria com a UFSM, sobre sustentabilidade, então nesse projeto a gente trabalha sempre o meio ambiente e os cuidados com o meio ambiente, meio sustentável, ano passado trabalhamos sobre a reciclagem e adubos, fizemos uma horta na escola, fizemos sabão também com óleo de gordura, que é uma maneira de mostra para eles né, como de uma maneira prática a gente pode fazer isso em casa”.

“Procurando sempre chamar a família também, que dê sua contribuição nos cuidados com o meio ambiente”.

“Agora esse ano nós temos outro projeto para a melhoria da escola, nossa parte ambiental, só que até agora falta recursos para a gente dar andamento do projeto, estamos aguardando no momento”.

“A gente já vem trabalhando, e principalmente os menores são mais empenhados, e eles levam para os parentes esse cuidado”.

“A prefeitura disponibiliza poucas formações nesse sentido, nós temos formações mas não especificamente nessa área, a não ser que tenha alguma data comemorativa, mas fora isso não em muito”.

“O tema que eu me sinto mais confortável de trabalhar é sustentabilidade, claro que falta alguns termos, alguns conhecimentos mais a fundo”.

“Falta toda essa parte do conhecimento da biodiversidade, sei lá como eu posso dizer né, mas falta mais o engajamento, mais técnica, o conhecimento que a gente tem é da *Internet*, das propagandas e reportagens, nada específico”.

“A prefeitura diz que é para a gente trabalhar com essa parte, mas não dá o suporte”.

Professora 3:

“Meu nome é Andréia Ferreira de Ferreira, eu trabalho na educação infantil nível B, a quase 20 anos, e ao longo da minha trajetória tenho usado com as crianças os cuidados com o meio ambiente que é tão difícil na atualidade que eles tenham consciência de que cada um é importante em um pedacinho que fizer”.

“Na sala de aula, quando a gente começa a trabalhar com eles que tudo tá interligado, que se um animalzinho morrer, outro que se alimentava dele vai morrer também, e também da

plantinha, o bichinho que se alimenta dela também vai morrer, então desperta a curiosidade deles, e esse estímulo vai fazer eles procurarem mais”.

“E dentro do meu trabalho eu tenho visto assim ó, que a parte prática mesmo, do fazer em sala de aula, de plantar a sementinha, de ver ela brotar, ver nascer a florzinha, tudo isso desperta neles a maior curiosidade e eles levam para a família”.

“E a questão do cuidado com o ser humano mesmo, que aquela planta vi servir de alimento para eles, porque é comum a gente perguntar da onde vem a comida? e eles dizem do mercado, como que chega no mercado?, no caminhão, e como vai parar no caminhão? Então é essa a questão da trajetória do alimento, quem é que se envolveu com isso”.

“Eu acredito que a vivência de cuidados com o meio ambiente tem que iniciar lá na família, a escola tem esse papel de preparar o indivíduo, e eu acho que to fazendo a minha parte”.

“Assim, tudo que a gente propõe em sala de aula, a gente comunica a escola, mas em relação a material que deveria ser dado pelo mantenedora sempre sai do nosso bolso, tipo semente, coisas que a gente vai usar no dia a dia mesmo, o material reciclável a gente tem muito apoio dos pais”.

“Ano passado nós conseguimos com um senhor mudinhas de moranguinho, então ele trouxe uma mudinha para cada aluno, então a gente tem parceiros”.

“Existe a formação continuada, mas ela não é direcionada né, é bem ampla, em termos pedagógicos, essa mais voltada ao meio ambiente é mais a busca do profissional, da prefeitura em si tem um seminário nessa área, e nem sempre a gente tem acesso, em função de ter alguém para nos substituir em sala de aula”.

Professora 4:

“Nós podemos fazer juntas a entrevista? É que nos estamos acostumadas a trocar figurinhas”.

“Eu sou a Dioclésia, dou aula de geografia antigo ciências sociais, nas turmas dos anos finais”.

“Nós procuramos trabalhar com os alunos usando os cuidados com o meio ambiente principalmente em relação à escola, para eles terem consciência de que a escola também é deles, e deve ser cuidada”.

“Até a gente tem ajuda de um projeto da UFSM, mas nossa principal dificuldade é o apoio de recursos, porque, por exemplo, às vezes queremos fazer uma saída de campo, uma visita a

algum lugar né, até queremos ir na feira aquela de profissões que tem na UFSM, mas tudo é caro, os alunos não tem como pagar”.

“Mas ainda assim nosso maior problema é a família, porque o que eles aprendem aqui na escola a cuidar do meio ambiente, nas aulas, nessas atividades que a gente faz, só que chegam em casa e a família acha que é bobagem, então coloca tudo fora o que fizemos, porque eles ficam sem vontade de aprender mais”.

“Mas a gente trabalha né, não deixamos de tratar da conscientização do meio ambiente, sempre nas nossas aulas né, a gente vai se trocando as coisas, uma conta para outra o que tá fazendo, mesmo que os alunos dela são maiores mas eu uso alguma coisa”.

Professora 5:

“Meu nome é Daiane, sou pedagoga e trabalho com turma de anos iniciais aqui na escola”.

“Sempre procuramos fazer mutirão de limpeza da escola, com ajuda de outras pessoas, porque assim os alunos também vão se motivando né”.

“Até agora com essa campanha né, de combate ao mosquito, até que foi algo bom, porque eles começaram a cuidar mais, deixar as coisas limpas, até fizemos mutirão que o pessoal da Secretaria de Meio Ambiente nos ajudaram”.

“Sim e por isso procuramos usar os espaços perto da escola, como a pracinha que tem aqui perto, ou sobre a água vamos na Corsan”.

“A gente sempre aproveita né as oportunidades para aprender mais um pouco, como teve aquela vez a palestra aqui na escola, que a gente tava presente”.